



por **Vicente Nunes** / [vicentenunes.df@dabr.com.br](mailto:vicentenunes.df@dabr.com.br)

# Melhor que o mundo

**A** campanha à reeleição da presidente Dilma Rousseff já definiu como tratará a economia nos programas de rádio e televisão. Vai se centrar nas comparações do Brasil com o resto do mundo. A meta é mostrar que, mesmo crescendo menos, o país está bem melhor do que a maior parte das nações, inclusive que as grandes potências econômicas.

“Sabemos que o nível da atividade está em desaceleração, que a ameaça de recessão técnica é real, mas, quando olhamos para fora, o quadro está pior. Mesmo os queridinhos dos investidores na América Latina, México e Chile, mostram fragilidades e vêm revendo, para baixo, as perspectivas de crescimento neste ano”, afirma um interlocutor da candidata petista.

Os auxiliares de Dilma sabem que a oposição explorará ao máximo os números mais recentes da economia, vão compará-los com os de 2010, o último da era Lula, quando o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,5%. Dirão que, com a petista no poder, o país piorou. “Estamos falando de dois períodos incomparáveis. É preciso levar em conta que, nos últimos anos, a crise mundial recrudesceu. Mesmo assim, continuamos empregando e, melhor, com a renda dos trabalhadores aumentando”, assinala o assessor presidencial.

O discurso da campanha é de que os Estados Unidos lideram a criação de empregos no planeta neste ano, com 1,73 milhão de vagas, quase três vezes mais que os 632 mil postos abertos no Brasil no acumulado entre janeiro e julho. A ressalva é de que a maior economia do mundo ainda não conseguiu recuperar todos os empregos fechados desde o estouro da bolha imobiliária em 2008. “O déficit é de 370 mil vagas. O mesmo, ocorre na Europa, onde estão devendo 3,8 milhões de postos”, afirma o interlocutor de Dilma.

A determinação do Planalto é desmontar qualquer acusação de que o país está em crise. E que a turbulência chegou ao mercado de trabalho. “Houve uma comoção em torno dos números do Caged (cadastro de empregos formais) de julho, com 11,7 mil vagas, o pior resultado para o mês desde 1999. Mas, vejamos, somente nos primeiros seis meses do ano, foram 588,6 mil vagas. Trata-se de um saldo maior do que o de sete países juntos — Austrália, Canadá, Chile, Israel, Japão, Coreia do Sul e Holanda —, com 451,7 mil” complementa o assessor.

O discurso de Dilma contra as críticas da oposição será o de que o Brasil está sofrendo com as dificuldades impostas pela economia mundial, mas não está sacrificando nem o emprego nem a renda dos trabalhadores. E mais: a petista indicará, para desespero do mercado financeiro, que pouco mudará na atual política econômica, que, no entender dela, está dando certo. Isso, mesmo que venha a promover mudanças no cargo mais importante da Esplanada, o de ministro da Fazenda.

“Ajustes serão necessários, mas as bases continuarão as mesmas. Por isso, Dilma não está se preocupando em nomear porta-vozes para a área econômica durante a campanha eleitoral. Caso ela seja reeleita, a política continuará sendo definida por ela. Ao chefe da Fazenda, só caberá executá-la”, destaca o interlocutor presidencial.

***Para desespero do mercado financeiro, Dilma indicará que, se reeleita, pouco mudará na atual política econômica, que, no entender dela, está dando certo***